

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254

EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA

DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO



Movimentado aspecto da descarga do peixe antes da abertura da doca

VILA DE OLHÃO TERRA DE PESCADORES

por ANTÓNIO MACHEIRA

NÃO é difícil descobri-lo: basta subir a um ponto alto desta vila espantosamente branca, para que o menos observador repare no problema de sempre, que João Lúcio rendilhou em versos de autêntica beleza, mas enganosos. A pobreza da terra. As condições precárias em que vive a maioria dos seus habitantes. O autor de «Descendo» bem o sabia — é óbvio; mas o seu espírito de fino esteta rejeitou a realidade humana para se fixar maravilhosamente na realidade paisagística e subjectiva. Na verdade, a maioria, a grande maioria dos vates algarvios sossobram e sossobram nesse delírio espiritual que uma paisagem altamente privilegiada provoca nos espíritos mais sensíveis. Não só os poetas — cremos; todo o bom algarvio é um sonhador por excelência. Despertemos, pois, por uns momentos, comprovinciano amigo.

Conclui na 4.ª página

Começemos pelo fio inicial: a penúria financeira da Vila da Restauração. Os anos de crise piscatória, os invernos em que a indústria conserveira local está praticamente paralisada, enfraquecem em muito o seu já reduzido orçamento, quer camarário, quer sindical, e, em especial, o familiar. O povo de Olhão sabe perfeitamente o que são privações e miséria. (Claro, nos verões de boa pesca conhece o reverso da medalha, e a abundância, se abundância lhe podemos chamar, transforma os cérebros da maioria, que gasta num ápice todo o dinheirinho que apura. Mas isso é uma outra história...) Ora o motivo da crise é o seguinte: Olhão é uma terra que praticamente está dependente da pesca e da respectiva indústria

«MAR DE CRISTO»

por MÁRIO BEIRÃO

MÁRIO Beirão é um poeta consagrado. Já nos cantou o seu Alentejo, nas suas asperosidades, na sua luta, no seu drama. Seduzem-no, porém, mais fortemente os temas históricos e é a eles, sobretudo, que vai procurar o motivo da sua poesia. É o caso de agora, com o seu *Mar de Cristo*, em que se evoca a epopeia dos descobrimentos e conquistas dos portugueses lá naqueles distantes tempos da navegação veleira e aventureira, em que o desfaldar de uma vela resumia uma esperança que despontava e um adeus definitivo. O tema não é original, constituiria até uma aventura com naufrágio certo para um rimador subalterno. Depois dos «Lusiadas», que mais se poderá dizer, em verso ou prosa, nos domínios da fantasia, acerca da epopeia deste pequeno povo de mareantes, que foi levando a sua mensagem de civilização e a notícia do Velho Mundo aos mundos novos? Pouco, cremos nós. Simplesmente, acontece que Mário Beirão é um grande poeta e desta circunstância conseguiu fornecer actualidade a um tema velho, convidando-nos à leitura, ao sonho e à meditação, fazendo-nos reviver a grandeza, o sofrimento, a dúvida, a esperança dessa marinagem antiga que, estimulada pela aventura e pela cobiça, se internou pelos ma-



Poeta Mário Beirão

Conclui na 4.ª página

CULTURA POPULAR

NÃO são frequentes as manifestações de carácter cultural no Algarve. De longe em longe, surge um artista a apresentar-nos os seus trabalhos, limitando-se a amostra quase exclusivamente à capital da província e uma vez por outra, com uma distância cronológica de meses, aparece-nos alguém de boa vontade a palestrar em público, com finalidade útil para os ouvintes, que no geral não são muitos. A nossa falta de iniciativa industrial temos a juntar mais esta inferioridade: a falta de iniciativa cultural, o manifesto desinteresse por aquelas actividades que exigindo estudo, meditação e dedução, podem depois traduzir-se em úteis lições a ofertar, em conferências ou palestras, a público mais ou menos interessado.

Não se pode dizer que escasseiem os valores indígenas e é certo que vivem na nossa província pessoas de fora dela de reconhecida envergadura intelectual, a quem se podia solicitar colaboração para uma série de lições a realizar nas principais terras do Algarve. Do que se enferma é de uma enorme preguiça e de um deixa-andar lamentável, fruto, em parte, da apatia e da falta de treino oratório que se obtinha outrora nos tribunais, quando era preciso convencer os jurados, ou no Parlamento, quando havia que fazer triunfar pontos de vista antagónicos aos dos adversários. O orador fulgurante e improvisador, narciso do seu verbo eloquente, quase desapareceu. Restam os destroços físicos e uns ecos apagados de vozes que se extinguem na lonjura...

Ora isto não está bem! Não somos tão ambiciosos nem tão extemporâneos que pensemos soerguer do mundo do silêncio a eloquência martelante de Carlos Fuzeta nem o verbo ateniense de João Lúcio. Isso não impede, no entanto, que nos conformemos com o, apito do árbitro nem com o escocier oral das multidões acéfalas de um rectângulo da bola, desporto, aliás, de que somos apaixonados, mas que não nos arrasta à demência de berrar e espinotear.

PORTOS DO ALGARVE

Nos dois primeiros meses deste ano, as Juntas Autónomas dos Portos do Sotavento e Barlavento cobraram, respectivamente, 458.559\$90 e 184.111\$30.

Rádiorastreio do I. A. N. T.

Durante os dias 29, 30 e 31 de Julho, em Vila Real de Santo António, e no dia 1 de Agosto, em Cacela, uma brigada móvel do I. A. N. T. virá proceder ao exame microrradiográfico obrigatório dos operários e empregados de todas as indústrias, sendo o mesmo exame facultativo, gratuitamente, a todas as pessoas que o desejarem.

Em virtude das facilidades concedidas, é do maior interesse que todos se façam radiografar, para despistagem de possíveis lesões pulmonares ainda despercebidas, mas que, tratadas a tempo, podem evitar o desenvolvimento da terrível tuberculose.

No seu próprio interesse, portanto, todos devem aproveitar esta oportunidade para um exame ao tórax, pelo menos para ficarem tranquilos quanto ao seu estado pulmonar, tanto mais que nada terão de pagar e o resultado é confidencial.

Graíinha de alfarroba

COMO já é do conhecimento público, foi publicado um diploma, pela pasta da Economia, que regulamenta a exportação da graíinha de alfarroba, condicionando esta exportação às necessidades das fábricas nacionais.

Esperamos que os organismos intervenientes nesta regulamentação ajam de sorte a que se estabeleça um equilíbrio que não lese uma das partes em favor de outra, o que seria contra o espírito da própria lei.

Conclui na 6.ª página

É certo que este mundo em que vivemos é diferente daquele em que nascemos e é muito difícil um sujeito adaptar-se àquilo que considera

OS BENEFÍCIOS DO AR DO MAR



«Só os pés...», de Fernando do Nascimento (Prémio do I Salão de Estremoz)

O ar marinho é de uma grande pureza, sendo rico em oxigénio e três vezes mais rico em ozono que o ar da cidade. O seu conteúdo em vapor de água, devido à evaporação do mar, é considerável; a humidade da atmosfera marítima, o estado higrométrico elevado contribuem para a estabilidade da temperatura, o que representa uma das principais vantagens.

O ar marinho contém muito sal (cloreto de sódio), brometos e iodo (12 vezes mais iodo que o ar continental), o que fazem dele um elemento antiséptico e tónico de primeira ordem.

Ao benefício dos ventos do largo que ali predominam, da forte pressão atmosférica, acrescenta-se o benefício da insolação. Os raios ultravioletas são particularmente

ESCLARECIMENTOS SOBRE A FUNÇÃO DO CAMPISMO COMO DESPORTO e a finalidade da «carta internacional de campista»

por JOÃO TRIGUEIROS

HÁ dias, mantivemos, com um interlocutor de ocasião, uma conversa interessante, que nos sugeriu a conveniência de esclarecer, em público, a dúvida que nos foi apresentada a propósito da «Carta Campista»:

Não estarão vocês a criar uma casta de privilegiados, com o vosso exclusivismo de acampar aqui ou acolá?

Constituir uma casta seria mesquinha e desactualizada ambição. Os nossos objectivos são mais... modestos.

A «Carta» é documento comprovativo de idoneidade moral e cívica.

Dá, sem dúvida, o direito exclusivo de armar tendas onde não sejam empedimento.

O documento faculta, mas, simultaneamente, obriga.

Esse documento não se concede, levemente, a qualquer, por simples favor, ou mercê de influências. Concedemo-lo aos que provem preparação, digamos, técnica e estejam aptos a cumprir os preceitos do rigoroso «Código Campista».

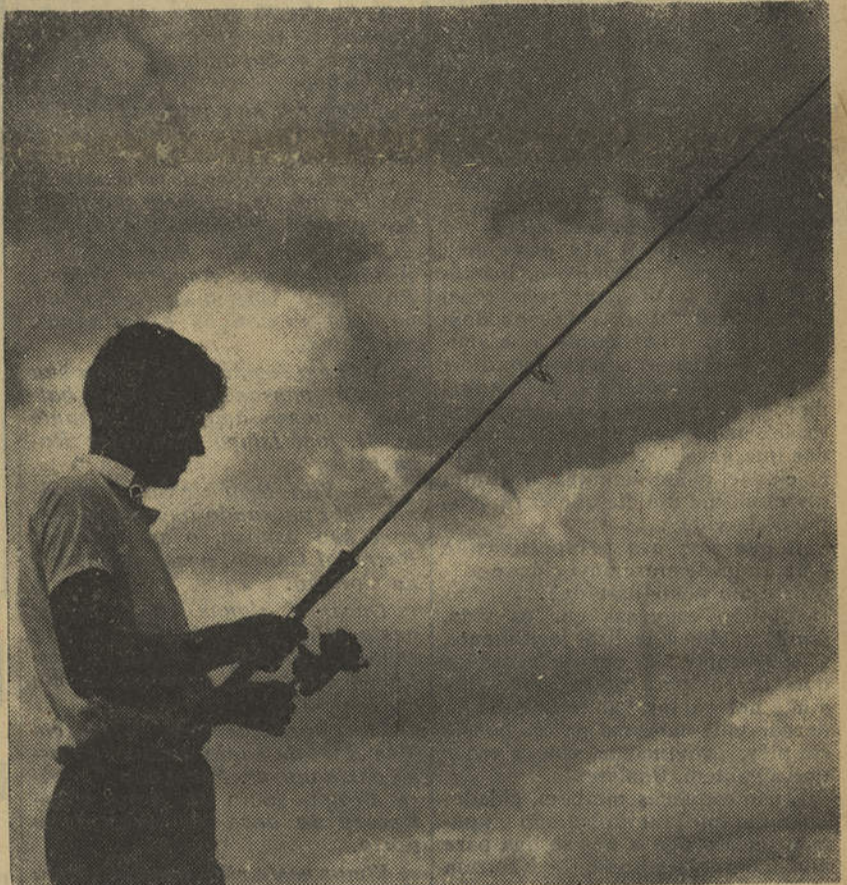
Não é um simples cartão de identidade de um clube. É a credencial de um escol. Por consequência, o detentor da «Carta Campista, seja qual for a sua situação social, não pode deixar de ser um exemplo de disciplina consciente e de nobreza de carácter — um cidadão educado.

O «Código», nas suas linhas e entrelinhas, obriga-o ao cumprimento de regras de conduta; triviais, para alguns; caso sério, para muitos...

Os que, excepcionalmente, falhem sofrerão sanções. Os relapsos provam inadaptação. A elite campista repele-os. E a «Carta» foge-lhes das mãos...

As regras são muito simples.

O campista estará sempre pronto a auxiliar o seu camarada e jamais



O Parque de Campismo de Monte Gordo oferece, além dos encantos do pinhal, do ambiente tranquilo, repousante e salubre do meio ambiente, a facilidade de se praticar a pesca, pois o mar fica-lhe a meia dúzia de passos.

conservado e manterá o acampamento arrumado e limpo.

A instalação campista não há-de confundir-se com bivaque de ciganos...

Ao abandonar o local, deixá-lo-á ainda mais limpo do que o encontrou.

Não conspurcará, nem gastará, excessivamente, a água potável.

Conclui na 6.ª página

importunará os vizinhos de acampamento.

Com todos conviverá, discretamente.

Guardará para si as suas convicções políticas e crenças religiosas.

Respeitando o ambiente campista, não se manifestará.

Evitará discussões acaloradas e conversações inconvenientes... Não abusará de gracejos, de modo a tornar-se importuno.

Será correcto na sua convivência.

Apresentará o seu material bem

LUTAM COM DIFICULDADES os exportadores de amêndoa ESPANHÓIS

DOR falta de espaço, não nos tem sido possível dar à estampa a seguinte local, que se nos deparou num jornal do vizinho país. Fazemo-lo agora, pois parece-nos que ela pode interessar a nossa lavoura:

A exportação de amêndoa preocupa, neste momento, um bom número de agricultores, principalmente alicantinos, assim como umas quinhentas indústrias descascadoras de amêndoa com mais de 15.000 operários. O problema é devido não só pela redução que experimentou a colheita, como também pela inferioridade de condições em que,

Conclui na 3.ª página

Conclui na 6.ª página

UMA POUSADA DE LUXO

EM CACELA?

De um leitor, que assina o seu escrito com as iniciais A. S., recebemos a seguinte epístola:

sr. director e meu... comprovinciano,

No «Notícias do Algarve», que também se publica na sua terra, li a notícia de que o S. N. I. vai construir, em Cacela, uma luxuosa pousada de turismo.

Como eu ainda sou dos que têm a consciência de que o dinheiro do contribuinte, o nosso rico dinheirinho, só é gasto depois de bem ponderado naquilo em que é empregado, recuei, ao ler a notícia, ao dia 1.º de Abril.

E isto porque, embora o panorama que se disfruta de Cacela Velha nos deleite e faça sorrir, mesmo com o mar a correr dolentemente entre línguas de areia mais parecendo braços adormecidos de ninfa encantada, e com a água doce a escorrer lascivamente de poços a pouca profundidade, de forma alguma, em nossa opinião, admitimos que tenha sido escolhido esse sítio para a construção de uma pousada de luxo.

Todas as pousadas estão construídas, como é lógico, fora de centros populacionais. Para se fugir deste justo critério, a que obedeceria ser aquele local o escolhido? Vendo as coisas objectivamente, não nos pa-

rece que haja razões que não ruam como castelos... de areia!

Por isso lhe peço que ventile o assunto no seu jornal, dentro daquela objectividade que lhe é timbre, pois embora eu tenha recuado ao 1.º de

Conclui na 3.ª página

A saúde é a maior riqueza

PRIMEIROS SINTOMAS DA SURDEZ

Há sinais que, com muita antecedência, revelam início de surdez: dor e sensação de ouvido tapado, em um dos ouvidos ou em ambos, dificuldade de ouvir conversas a certa distância, purgação, ruídos estranhos e zumbidos e, mais raramente, sensação de vertigem.

Ao sentir qualquer dos sinais referidos, procure imediatamente o médico.

Visado pela delegação de Censura

Imagens de Faro

por CASIMIRO DE BRITO
BOM DIA, CIDADE
BOM DIA!

Já nos conhecemos suficientemente bem, creio.

Estudei a tua história desde o fundo dos tempos, desde quando não era mais do que um pequeno amontoado de casabres, até ao momento que passa e que foge, formigante e ruidoso, serpenteando agreste entre as esperanças e as desilusões dos teus habitantes...

E tu também me conheces. Vim para o teu seio, já lá vão oito anos, não sei se longos, se não. Oito anos de vida, porém, amalgamados entre curvas suaves e ângulos agudos, oito anos de lágrimas e de sorrisos quotidianos, oito anos de luta, afinal. Não te sou um desconhecido, portanto. Sinto que faço parte de ti, embora deva dizer-te que jamais pertenço a alguém inteiramente...

Talvez por isso mesmo, te grito: BOM DIA, CIDADE, BOM DIA!, e, na minha saudação matinal, planto toda a esperança de mais um dia que vou viver a teu lado...

Mas o meu BOM DIA não é apenas temporal, fraccionário, instantâneo; é mais do que isso, e sei que tu o adivinhas... O meu Bom Dia é agora o Pórtico de uma amizade que recomeça, ou se continua sob forma diferente — não interiormente, porque essa já há muito existe, não vulgar como as amizades interesseiras, talvez porque tu és cidade, cidade-menina, e a mim disseram-me um dia que era poeta, poeta-da-vida...

Já pensaste nas perspectivas de uma amizade entre uma cidade-menina e um poeta-da-vida?...

... Não esqueças que és vida, também, vida a deslizar fértilmente, vida a brotar nas pernas cansadas que correm para o trabalho, vida ainda nos ruidos que te fazem moderna, vida também na tua poesia simples, provinciana, vida a rogar que a cantem, finalmente.

E não esqueças também, cidade-menina, que um amigo não é apenas um elo que a nós se liga para nos dizer coisas bonitas. Não, um amigo é aquele que, por obras e palavras, por palavras que nascem dos pensamentos, por pensamentos que se dirigem ao concreto, ou ao possível concreto, é aquele que — dizia-te — se aproxima o mais possível da nossa realidade, para a compreender, para a corrigir e para a amar...

E eu quero ser teu amigo, cidade-menina, a quem dedico o meu BOM DIA, feliz e acariciador, neste dia estival, pesado e sorridente, que te envolve numa abóbada de luz, que é vida também...

Animatógrafo

TURISMO VII

Por sorte, naquele dia decresceu a freguesia «barracal»; como a frequência abrandasse, pensou o moço: «Afinal, talvez o banho calhasse...»

Abafados seus temores por efeito dos calores, lá decide fazer tentativa nova; a diligência progride, os calções entram em prova!

No refrigério das águas, esquece as velhas mágoas. Maravilhas opera essa praia, grande, onde abundam as conquilhas e a Natureza se expande.

Pródigo, o sol tosta as peles dos sabidos e dos reles; na areia, macia, limpa, doirada, há quem ande, brinque ou leia, ou quem só olhe e... mais nada!

As manhãs deliciosas de praias assim, formosas, mais completas, justo motivo de orgulho seriam, com camionetas antes do vinte de Julho!...

OPERANTE

Cine-Foz

DOMINGO, o terror (Mau-Mau) no filme Simba, com Dick Bogard, Virginia Mc Kena e Donald Sinden. (Para maiores de 17 anos). TERÇA-FEIRA, Os nossos tempos, com Vittorio de Sica, Sofia Loren e Totó. (Para maiores de 17 anos). QUINTA-FEIRA, As duas Óriãs, com Milli Vitali. (Para maiores de 12 anos).

Abalo de terra no Algarve

Na segunda-feira, às 10 e 50, sentiu-se um abalo de terra no Sotavento do Algarve, o qual, felizmente, não causou danos. Apenas em Tavira algumas pessoas se deixaram tomar de pânico.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua família, seguiu para Lisboa o nosso amigo sr. Olívio de Jesus Correia, que exerceu nesta vila o cargo de chefe do posto da P. I. D. E., tendo tido uma afectuosa despedida por parte de numerosas pessoas das suas relações.

Seguiu para Lisboa, aonde foi tomar posse do lugar de operadora dos C. T. T. a sr.ª D. Maria José Socorro Tenório, filha do nosso amigo sr. Manuel Peres Tenório.

Esteve em Vila Real de Santo António, em serviço profissional, acompanhado de sua esposa e filho, o sr. Viriato Rodrigues Miguéis, nosso amigo e assinante em Lisboa.

A fazer a sua cura habitual de águas, encontram-se nas Caldas de Monchique a sr.ª D. Amparo Pessanha Barbosa e o sr. António Fernandes Vargas e sua filha, nossos assinantes nesta vila.

Vimos em Vila Real de Santo António os srs. Augusto Valente Parreira e Alberto de Sousa Oliveira, nossos amigos e assinantes em Lisboa.

Está em Monte Gordo, com sua família, passando a época balnear, o nosso amigo e assinante sr. dr. José Isidro Farrajota Rocheta.

Em Vila Real de Santo António, está passando as suas férias, com sua esposa, o sr. Amílcar Barrocal Cavém, nosso assinante na Covilhã.

Durante alguns dias, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. eng.-agrônomo João Locoq Abecasis, nosso assinante em Lisboa.

Com pouca demora, esteve em Vila Real de Santo António o nosso assinante sr. Fernando Ferreira Braga, sócio da firma construtora da doca de pesca deste porto.

Vimos nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. José Salas, nosso assinante em Albufeira.

Também estiveram entre nós os srs. Manuel José Dias e Jaime dos Reis Maurício, nossos assinantes em Olhão.

Com demora de alguns dias, encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa e sogros, o sr. Manuel Mendes, nosso assinante em Lisboa.

Em férias, encontra-se em Lisboa, com sua família, o nosso assinante sr. Joaquim dos Santos Aguilera.

Em férias, encontra-se em S. Marcos da Serra, com sua esposa e filho, o sr. Maurício Lourenço, funcionário dos C. T. T., em Lisboa, irmão do nosso correspondente naquela povoação.

Com curta demora, esteve nas Caldas de Monchique o sr. Carlos Augusto Franco, nosso assinante em S. Marcos da Serra.

Regressou do estrangeiro, a sua casa em S. Marcos da Serra, o nosso amigo sr. Mário Santinho Vargas, industrial de cortiças naquela localidade.

De visita a sua família, foi a La Línea (Algeciras-Espanha) a sr.ª D. Rita dos Anjos Martins Ruivinho.

Encontra-se nas termas de Monte Real, fazendo a sua cura habitual de águas, a sr.ª D. Alice de Oliveira Nobre Telo Mexia, nossa assinante em S. Bartolomeu de Messines.

Casamento

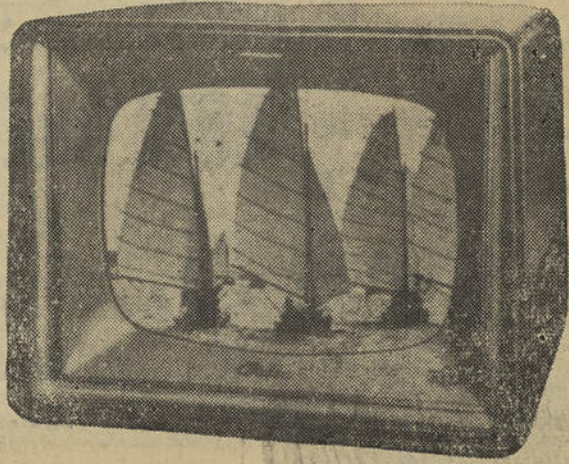
Na igreja da freguesia da Conceição, de Faro, realizou-se, no dia 15, o casamento da sr.ª D. Maria Clarisse Medeiros Salvador, filha da sr.ª D. Carolina Medeiros Salvador e do sr. Francisco Salvador, com o sr. João Marques Colaço, funcionário judicial, filho da sr.ª D. Maria Amélia Conduto Colaço e do sr. Bento Domingues Colaço, já falecido. Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Eliete Medeiros Salvador, sua irmã, e o sr. Damião Luis Medeiros Bravo, e por parte do noivo, a sr.ª D. Ernestina Torres Teixeira Godinho Fernandes Vargas e o seu esposo, sr. dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas. Os noivos, depois da cerimónia religiosa, seguiram viagem para Cuba, onde fixaram residência.

Gente nova

Em Lisboa, na clínica de S. Miguel, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria Amélia Costa e Simas Ramos, esposa do sr. dr. António Bernardino Ramos, médico e nosso assinante em S. Marcos da Serra.

Doente

Em Lisboa, onde reside, tem passado bastante incomodado de saúde o nosso amigo sr. José Maria de Almeida Mata, sócio-gerente da firma, nossa anunciante, Gabinete de Contabilidade Sidex, Lda. Fazemos votos de boas melhoras, com desejos de rápido restabelecimento.



RÁDIO-TELEVISÃO
SOCIEDADES REUNIDAS REIS, LDA.
ROSSIO, 102-108 Telefone 32521
LISBOA

Aceitam-se agentes nas principais localidades

ECONOMIA

Boas perspectivas para as conservas de peixe

Deparou-se-nos no «Jornal do Comércio» a seguinte local, que pedimos licença para reproduzir:

Anuncia-se com optimismo, segundo informações de uma publicação da especialidade, a campanha industrial e comercial da produção de conservas de peixe no ano corrente, sendo de esperar que se manterá este ano o ritmo progressivo dos dois últimos anos.

E' lícito esperar que a pesca continue a ser normal, que a sardinha melhora de tamanho e de qualidade, permitindo melhores fabricos do que no ano passado, e que os mercados mantenham um interesse cada vez maior pelas conservas portuguesas. A confiança que nutrimos no desenvolvimento contínuo e progressivo da nossa exportação é justificada pela existência de factores que a impulsionam de ano para ano, tais como: o aumento anual, em proporção crescente, sendo hoje de cerca de 30 milhões, da população mundial, e a melhoria dos níveis de vida de quase todos os povos, entre os quais há cerca de um bilião que ainda não começaram a ter acesso aos progressos das indústrias alimentares.

E' provável que os preços elevados que as conservas de sardinha obtiveram no ano passado, devido a circunstâncias excepcionais, não se mantenham este ano. Alguns mercados importantes, baseando-se nos preços mais baixos das indústrias congêneres estrangeiras, estão já fazendo pressão nesse sentido. Não julgamos que isso traga grandes inconvenientes. A experiência tem-nos mostrado que as conservas de peixe precisam de ser baratas para conseguirem um consumo amplo e estável. As classes que as adquirem em maior escala são as de pequeno rendimento familiar. São, portanto, um produto de consumo popular.

Produção de milho no Algarve

Até ao dia 22 do mês passado, a lavoura algarvia tinha entregue nos celeiros da F. N. P. T. 11.907.998 quilos de milho, o que corresponde a 14,45% da produção nacional.

Maiores produtores de milho que o Algarve são: o Minho, 28,09 e Beira-Litoral, 19,25%.

Até aquela data, subia a 82.400 toneladas o milho entregue aos referidos celeiros, o que ultrapassa as produções dos anos anteriores, que foram: 1953, 8.500 tons; 1954, 79.600 e 1955, 76.100 toneladas.

Exportação de cortiça

Em Abril findo, exportámos 7.724 toneladas de cortiça em bruto, no valor de 53.896 contos e 2.753 toneladas de cortiça manufacturada, no valor de 60.104 contos.

Vejamus qual o movimento nos primeiros quatro meses deste ano: O maior comprador de aparas (9.765 tons.) foi a América do Norte, seguida do México, com 1.709 tons. Os principais compradores de prancha foram: França, 2.029 tons.; Rússia, 2.029; Itália, 1.330; Argentina, 1.212 e Argélia, 1.000. Os mais interessados compradores de refugo foram a Holanda, 832 tons. França, 383 e Argélia, 389. O grande comprador de serradura foi o Reino Unido, com 1.172 tons., seguida da Alemanha, com 320. A cabeça dos adquirentes de cortiça virgem figuram os Estados Unidos, com 594 tons. e a Dinamarca, com 380.

No que respeita a cortiça manufacturada, tivemos como principal comprador o Reino Unido, que nos adquiriu 2.513 tons., no valor de 46.086 contos, das quais 2.091 tons. de aglomerados, 92 de discos e 305 de rollhas. O principal comprador de discos foi a Holanda, que nos levou 161 tons., seguindo-se-lhe a União Sul-Africana, com 111 tons. O mais interessado comprador de rollhas foi a Alemanha. Adquiriu-nos 536 tons., no valor de 22.317 contos, seguindo-se-lhe o Reino Unido, com 305, a França, com 240 e a Itália, com 202 tons.

Movimento das lotas

Em Maio findo, segundo a estatística do Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha, foram vendidas nas lotas do País as seguintes quantidades de peixe, capturadas por artes que fazem parte daquele organismo: sardinha, 7.923 toneladas, no valor de 26.895 contos; carapau, 1.987 toneladas, no montante de 6.042 contos; biqueirão, 1.322 toneladas, no valor de 5.322 contos, e peixe diverso, 2.421 toneladas, no montante de 4.246 contos. As lotas onde se realizaram maiores transacções foram as de Matosinhos (9.187.625\$00), Vila Real de Santo António (6.921.006\$00), Olhão (5.802.601\$) e Portimão (5.648.935\$). O preço médio por quilo de sardinha, no Algarve, foi o seguinte: Lagos, 6\$03; Portimão, 4\$13; Albufeira, 3\$31; Vila Real de Santo António, 3\$02 e Olhão, 2\$93.

Diversas

Em consequência do aparecimento de «sardinha» na costa venezuelana, o governo vai criar a indústria da pesca e conservas desta espécie. A pesca é exercida por marítimos italianos emigrantes.

Por terem sido consideradas perigosas para a saúde pública, foram destruídas, em Tóquio, sete mil toneladas de atum, em consequência de o peixe acusar radioactividade. Habitantes das ilhas do Pacífico — segundo averiguação do cientista francês Paul Berthold — sofrem de uma doença terrível ocasionada pela ingestão de peixe radioactivo.

Nas Praias Os vermelhões desaparecem usando-se QUEIMAX

Vende-se nas Farmácias e Drograrias.

Farmácia de Serviço De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carri-lho, Praça Marquês de Pombal, telefone 49.



Botas do Algarve

Table with columns for Vila Real de Santo António, Albufeira, and Portimão, listing boat names and prices.

Table for Atum da costa do Algarve, listing boat names and prices.

Table for Fuseta, listing boat names and prices.

Table for Olhão, listing boat names and prices.

Table for Lagos, listing boat names and prices.

Assinaturas do Ultramar e do Estrangeiro

Em virtude dos pesados encargos e dificuldades que nos acarretaria uma cobrança pelo correio, pedimos aos nossos estimados assinantes das Províncias Ultramarinas e Estrangeiro a fineza de providenciarem para que sejam liquidadas as suas assinaturas, quer directamente, por cheque ou vale postal, quer encaregando alguma pessoa amiga, residente na Metrópole, de fazer a liquidação. Agradecemos.

RECEPTORES PARA ENVIADAS • RÁDIOS-TELEFONES PARA TRAIINEIRAS
SONDAS DE PESCA
PYE MARINE
Distribuidor e Oficinas: RÁDIO REPARADORA DO SUL — Faro-Olhão

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 12 a 18 de Julho
ENTRADOS: Alemão «Rolandseck», de 1.299 tons., de Antuérpia, com folha de flandres; Portugueses «Ze Manel», de 926 tons., «Covilhã», de 1.154 tons., e «Mira Terra», de 562 tons., todos de Lisboa, vazios. SAÍDOS: «Rolandseck», para Hamburgo, com cortiça e conservas; «Ze Manel» e «Mira Terra», para Lisboa, com minério; «Covilhã», para Roterdão, com minério.

ELEMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A MÚSICA POPULAR

NO ALGARVE



Fonte produtora de bons músicos, o nosso Algarve mais variado e melhor rendimento daria, se por essas vilas e cidades se pudessem criar e manter escolas de formação musical.

Se tal prática fosse generalizada, sem dúvida alguma as crianças com mais facilidade se enfiariam no solfejo rezado e entoado e, como a magia dos sons é penetrante e sensível, também mais se arrebriaria nelas o gosto pelo canto educado.

O canto, por excelência, é um dom com que a Natureza dotou o ser humano. Preciosíssimo, é através dele que o homem difunde as suas alegrias, as suas tristezas, vincula a sua personalidade, defende com toda a alma a liberdade e a independência da sua terra e divulga, com todo o entusiasmo baírrista, o seu folclore.

Na tecla, nas cordas, no sopro, conta a nossa província com alguns valores apreciáveis. Loulé, Tavira, Faro, Silves, Olhão, Portimão, e possivelmente outras localidades são centros musicais de onde têm saído alguns artistas.

Atualmente, no Algarve, não se respira a arte musical, estamos limitados quase ao folclore.

Há críticos de comprovada competência e categoria; há músicos executantes de grande fôlego artístico, mas não há compositores de valor. Há, sim, alguns elementos que sabem explorar com gosto a ligeira música regional. E com tão apurado sentido estético que, se se dedicassem à música de categoria e séria e tivessem cultura, as suas produções conquistariam, decerto, o direito de figurarem nos repertórios e compêndios nacionais da especialidade.

Ernesto Vieira, no seu «Dicionário Biográfico de Músicos Portugueses», apenas se refere a um algarvio: o dr. José Maria de Pádua, de Olhão. O «Dicionário de Música», de Tomás Borba e Fernando Lopes Graça, até ao fascículo número dezasseis, não se refere a qualquer algarvio. E, há poucos dias ainda, pretendendo eu certificar-me melhor, consultei o nosso primeiro compositor da actualidade, maestro Rui Coelho, que me disse desconhecer a existência de nomes algarvios na categoria de compositores musicais de relevo. E confirmando esta lacuna, o professor Armando Leça, no seu livro do folclore português, «Música Popular Portuguesa», página onze, diz-nos que «o Algarve tem em Cândido Guerreiro o poeta, em Teixeira Gomes o escritor e em Falcão Trigo o pintor da sua estonteante policromia aguada de esverdeados, azuis, barrentos empastados...»

«É o seu músico? «De lá se exportam «corridinhos» e figos torrados; estes ainda conservam o sabor próprio; quanto aos outros... já se fabricam e editam em Lisboa. Antes os figos...» Estes insuspeitos testemunhos colocam o Algarve na ínfima esca-

Estudantina carnavalesca olhanense de 1891, paródia aos estudantes de Santiago de Compostela.

De pé, da esquerda para a direita: João de Jesus Guerreiro, José Joaquim Severiano Lopes, António Viegas Reis, José de Freitas, António Avelino da Silva, Francisco Luis, António Viegas Pinheiro, Carlos Fuzeta e António Ferro; sentados: João Marçal da Fonseca, Manuel Machado Godinho, Feliciano José Alves, José Estêvão Afonso, José Marques Centeno e Manuel Marçal de Mendonça; deitados: César da Costa Guimarães, Augusto Lima, José Higinio Júnior, José Felício, David Gonçalves Ribeiro.

la da composição musical. Aparece o folclore, e nada mais. E mesmo este... no dizer de Armando Leça, está a ser batido pelos homens de Lisboa!...

F. Adolfo Coelho, porém, é indulgente com os nossos compositores: «Os folcloristas não são obrigados a ser eruditos, a fazer comparações, mas sim a coligir com a maior fidelidade as tradições populares e publicá-las de modo que facilitem as investigações dos eruditos especiais que sobre elas têm que basear os seus estudos comparativos, genéticos, históricos.»

Tem o Algarve extraordinários estudos comparativos, mas não tem «eruditos especiais» que cantem musicalmente as belezas e os encantos da sua excelente posição geográfica e, muito especialmente, os mistérios do seu inconfundível e lindíssimo mar. E' pena! Numa terra de poetas e sonhadores, não haver quem leve à arte dos sons a sensibilidade de toda a arte algarvia!

De facto, a música, hoje, não seduz qualquer a comprometer tempo e capitais frequentando as escolas de Milão, Paris, Viena ou Berlim, para a sua formatura musical. Contudo, a fonte algarvia é boa;

mas ninguém se abalança a voos tão altos e tão incertos! Assim... Cá vamos com o nosso regionalismo, e é quanto basta para governo da nossa casa.

E obedecendo ao rítmico popular «pobretes, mas alegretes», nunca devemos deixar, contudo, de sermos aqueles algarvios sempre de alma bem levantada.

Os «corridinhos», pelos modos, estão a ser-nos esbulhados. Eles, em toda a parte, aparecem a divertir assistências e são já, pelos seus movimentos e dinamismo, perfilhados por segundos. O que continua, porém, fiel e obediente à casa paterna é a inconfundível «Tia Anica».

Pois bem!... Que a «Tia Anica» tenha o prémio que merece; que ela continue a ser aquela velha de óculos exóticos, gorda e rapiqueira; que ela persista a servir de folga nas desfolhadas e nos «balhos», e que faça sempre com que a mocidade, garbada e bulhenta, pulando e saltando, cante sem desalecimentos:

«Na venda do ti Manel
E ti Anica de Loulé,
Vende-se cal e pincel,
Pra cair a chaminé.»

Pedro de Freitas

Moitas encantadas

O Poço das Donas

DA tradição oral das várias povoações algarvias, sobretudo das mais antigas, constam sempre as histórias das moiras encantadas.

Por ter sido a última região do território nacional em que os sarracenos estancaram, a sua lembrança ainda perdura na imaginação dos povos, em artefactos de lavoura e outros, que nos recordam os fiéis do Alcorão.

Atacados pelas mesnadas dos guerreiros cristãos, que a todo o custo os pretendiam expulsar da península, não tiveram os sarracenos tempo de se trasladarem à costa africana, e então, servindo-se dos sortilégios dos mágicos e sábios, chamaram a si, por meio das ciências ocultas e artes de magia, os encantamentos, para que transformando as riquezas em montes de rochas, e as esbeltas e morenas filhas de Agar nas mais estranhas e disparatadas formas, umas e outras escapassem à cobiça e concupiscência dos guerreiros cristãos.

Assim nasceram as histórias das moiras encantadas, esperando, resignadas e tristes, que alguém lhes vá quebrar o encanto. E a noite de S. João, noite de festiva alegria para os cristãos, é de esperança para aquelas que no decorrer dos séculos aguardam libertar-se do seu terrível fadário.

Através das gerações, desafiando a poeira dos séculos, passando de pais a filhos, de avós a netos, as histórias das moiras encantadas serviram para nos entreter na infância, enquanto o sono não vinha.

Maravilhosas, misteriosas e sublimes, estas histórias eram parte integrante na nossa vida, e sempre que a noite se aproximava, desejávamos que uma história nos fosse contada, e bebíamos as palavras do narrador, geralmente uma pessoa idosa, a quem não era muito difícil, com a promessa de contar um bonito conto, manter a garotada em sossego.

... Era uma vez... Começava sempre assim, invariavelmente, e seguia a maravilhosa narrativa.

«Dirigia-se, certa vez, para a vila um trabalhador do campo, acompanhado do seu burro, que ao passar em determinado sítio da estrada notou uma intensa luminosidade que parecia partir do gargalo de um poço. Intrigado, ia dirigir-se para o local, quando no relógio da torre da igreja da vila bateram as doze badaladas da meia-noite. Um calafrio de medo percorreu-lhe a espinha, quando vê à luz do luar desenharse na boca do poço uma branca e esbelta figura de mulher, que pronuncia as seguintes palavras: «Em, em casa de meu pai, era a Senhora Dona de Tal»... «A esta aparição sucederam-se mais duas, e com idênticas palavras, — ao que se seguia um mergulho no poço.»

Chio de medo, correu quanto as suas forças lhe permitiam, em direcção à vila, onde contou o que vira e daí nasceu o nome do Poço que, sabe-se lá há quantas dezenas, ou mesmo centenas de anos, conserva e por quantos anos mais conservará o nome de «Poço das Donas».

Zé Valente

UMA POUSADA DE LUXO em Cacela?

Conclusão da 1.ª página

Abril, pode muito bem ser que haja quem tenha mais a noção do tempo e me faça ver que na realidade estamos em Julho, e num Julho bem quente...

E já agora, também quero aproveitar para lhe dizer que, por dever de ofício, tenho contactado com pessoas que percorrem o País de norte a sul e frequentam todas as pousadas, e por elas tem-me sido afirmado que a melhor situada é a que melhor serviço apresenta é a de S. Brás de Alportel, que não fica tão distante do mar que as pessoas necessitadas de repouso para os seus calorosos corpos e espírito não vão a Monte Gordo, Quarteira, Albufeira e mesmo à Praia da Rocha, procurar a brisa do mar, e com menos de uma hora de automóvel (quase tanto como se leva de Lisboa ao Estoril) não estejam de volta a S. Brás, onde ficam optimamente instaladas. O único óbice é lutar-se, nesta Pousada, com falta de quartos, embora ela seja a maior do País.

Desculpe o tempo que lhe tomo, mas, por amor do bom senso, ponha as coisas como elas são.

Os meus cumprimentos, etc.

A. S.

Lisboa, 15 de Julho de 1957.

N. da R. — Salvaguardando o devido respeito pela... eficiente prestação informativa que deu azo à missiva supra, cumpre-nos afirmar, pelo que nos cabe, que, embora concededores da visita dos ilustres funcionários superiores do S. N. I. à região sotaventina do Algarve e da missão de que vinham incumbidos, preferimos, prudentemente, não dar publicidade prematura à notícia da escolha, em princípio, do citado local, cujas condições iriam certamente ser submetidas posteriormente a estudo mais cuidado, o que poderia determinar talvez uma possível rectificação.

Se efectivamente também nos causou surpresa a localização da projectada pousada, (e nisto não há vislumbre de desprimor para Cacela, cujo progresso nos merece o maior carinho), não constituíu, no entanto, surpresa nenhuma a preocupação do S. N. I. em dotar o Sotavento de um estabelecimento hoteleiro no genero pousada, de que tanto carece.

Em nosso entender, há dois locais magníficos para edificar uma pousada: o pinhal do Cabeço, em face do Oceano e sobranceiro a Monte Gordo, que oferece óptimas condições de repouso, e num outeiro ao norte do Monte Francisco, donde se disfruta uma paisagem talvez única no País: o Guadiana, o mar, Almonte, Isla Cristina, Vila Real de Santo António e o casario branquinho do referido Monte Francisco e da histórica vila de Castro Marim. Parece-nos serem

estes os melhores locais, com defesa assegurada do nosso prestígio turístico e da nossa bolsa, que tanto — e justamente — preocupam o autor da epístola.

Uma pousada, apenas, no Algarve, não chega para nada. É uma gota de água no Oceano. Não devemos esquecer que as condições hoteleiras do Sotavento, de Faro para cá — com poucas, mas dignas excepções — são absolutamente inadmissíveis, quer na sua capacidade, quer no seu trato. Em qualquer cubata africana passa-se uma noite com mais tranquilidade e higiene que em certas «hospedarias», que bem precisavam de ser eliminadas do roteiro turístico do País.

Quem não sabe extrair ouro da mina que é o turismo no Algarve, o melhor que tem a fazer é pegar na manta e no cajado, e...

Posto isto, esperamos que sejam devidamente ponderados, pelas entidades competentes, todos os aspectos do problema, de modo que a solução do mesmo resulte consentânea com as exigências duma boa política de fomento turístico e, ao mesmo tempo, favorável ao prestígio e interesses desta zona do Algarve, que todos estamos de acordo em valorizar ao máximo, da maneira mais útil que possível for.

S. MARCOS DA SERRA FORMULA JUSTAS

reclamações e solicita da C. P. medidas que têm o apoio de todos os algarvios

S. MARCOS DA SERRA — Com a chegada da quadra estival começam a sentir-se os cheiros nauseabundos do barranco da Estalagem, que atravessa grande parte da povoação. Bom seria que as entidades competentes tomassem providências para a cobertura do barranco, não só para evitar os maus cheiros, como por o mesmo constituir um foco anti-higiénico.

Como o tempo tem decorrido em boas condições, conveniente seria que a Direcção Hidráulica do Guadiana iniciasse imediatamente os trabalhos de construção da passagem do Castelo, na ribeira de Odelouca. Esta ponte é de grande urgência e necessidade, porque é precisamente neste sítio que há maior movimento para esta povoação e freguesias limítrofes.

A paragem das automotoras nesta estação e o movimento de passageiros que elas provocam demonstram perfeitamente que são justificados os apelos que S. Marcos da Serra tem dirigido à C. P., à qual lembramos que constitui mais que desleixo, insulto, a circunstância de a estação ser ainda iluminada à antiga portuguesa, quando a electricidade lhe fica apenas a 20 metros.

Também seria de toda a conveniência que assistíssemos brevemente à inauguração de uma nova circulação de automotoras que partindo de Lisboa de manhã chegasse a Vila Real de Santo António e Lagos por volta das 13 horas, o que resolveria, em parte, a dificuldade que esta região tem em transportes.

Igualmente nos parece de grande conveniência e muito vantajoso para a C. P. que as automotoras extraordinárias que se efectuam por ocasião dos mercados locais (primeira segunda-feira de cada mês) entre Tunes e Sabóia, tivessem também paragens em Ribeira de Arade, Silveira de Cima e Vale do Grou. — A. L.

HOMENAGEM à memória DE UM INDUSTRIAL

FEZ este mês onze anos que desapareceu do número dos vivos, do convívio, portanto, dos seus familiares, amigos e do seu pessoal, D. Caetano Feu Marchena, que foi sócio principal da firma Feu Hermanos, de Portimão, e prestigioso industrial.

Para comemorar o facto, foi descerado o seu busto, em bronze, na Fábrica de Santo António, na Mexilhoeira, tendo falado durante a cerimónia, que foi muito concorrida, os srs. D. António Feu, sobrinho do preiteado e seu sucessor, em nome da firma; José Calé e José Vicente Joaquim Júnior, em nome do pessoal, e rev. Vitorino Correia, os quais enalteceram os predicados morais e de trabalho do saudoso industrial.

OS BENEFÍCIOS DO AR DO MAR

Conclusão da 1.ª página

linfáticas, anémicas, as crianças estioladas da cidade, sem apetite, delicadas, «que não crescem bem».

Nas praias de estimulação atenuada: os convalescentes de bronquites, de broncopneumonias, de coqueluche, etc... e, de um modo geral, todos os indivíduos cujas forças de reacção são suficientemente vivas para que a «chicotada» marítima as possa levantar e não deprimi-las.

Deve, pois, ser desaconselhada às crianças muito novinhas, quando a sua constituição é frágil, aos velhos, aos cardíacos, e sobretudo, aos tuberculosos pulmonares. As pessoas com conjuntivites ou otites crónicas deverão também evitá-la.

Quanto aos nervosos, é difícil estabelecer um princípio geral: alguns, muito excitáveis, queixam-se de não aproveitarem com a praia, ao passo que outros se sentem al-

milagrosamente calmos. Por isso, é sempre conveniente experimentar primeiro a sensibilidade ao clima marítimo, antes de formar um juízo definitivo.

Sabe-se que a água do mar é salgada e amarga. Deve o seu gosto ao cloreto de sódio (25 gramas por litro) e ao cloreto e sulfato de magnésio (3 gramas por litro).

Bebida em pequenas doses, a água do mar é purgativa; em doses elevadas, torna-se vomitiva.

As várias algas marinhas enriquecem de iodo a água do mar, que age activamente sobre o sistema endócrino humano. Este efeito do iodo é tão activo que se observaram autênticas revoluções da economia vital, quando um doente ou um deficiente foram submetidos a uma cura marítima.

A água do mar nem sempre é utilizada no local sob a forma de banhos. Constitui um maravilhoso soro hipertónico de que a medicina faz largo emprego sob a forma de injeções subcutâneas ou outras.

No entanto, não há como a praia e a água do mar. Os seus efeitos curativos são devidos a um conjunto muito complexo. Primeiro, temos a vida ao ar livre, num meio puro onde os micróbios são pouco numerosos. Aproveita-se também um exercício, mais contínuo e mais energético, de que a natação, verdadeira modeladora de corpos, é a base. Finalmente, os banhos, pelo contacto com a água fria, pelo movimento e pelo choque das ondas, constituem uma hidroterapia natural, que nunca é demasiado recomendada.

Contudo, se se trata de uma verdadeira cura, há que seguir as indicações do médico. Sem essa precaução, podemos expor-nos a graves erros e encontrar a doença onde tínhamos vindo procurar a saúde.

NOVOPAN

MADEIRA MELHOR QUE MADEIRA NÃO EMPENA • NÃO APODRECE

Para: MÓVEIS, PORTAS, DECORAÇÕES, MÓVEIS PARA COZINHA, PORTAS DE CORRER, LAMBRINS, TECTOS, CABINAS, etc., etc.

LARGAMENTE UTILIZADO NA CONSTRUÇÃO NAVAL

Companhia Geral de Combustíveis

LISBOA — Avenida 24 de Julho, 1-2.º Esq. — Telef. 22361/2

PORTO — R. Mouzinho da Silveira, 6-2.º — Telef. 23632/3

Companhia de Seguros



Seguros em todos os Ramos

Capital e Reserva: 278 mil contos

Correspondentes em todo o Algarve

VILA DE OLHÃO TERRA DE PESCADORES

Conclusão da 1.ª página

(excepto em anos excepcionais de pesca, como o de 1956), esses milhares de braços ficam inactivos, por falta de matéria-prima. E assim chegamos ao âmago da questão: por que não se adoptam medidas para que tal não aconteça? Ou por outra: o que se tem feito para remediar esta situação angustiada da vila durante os meses do defeso não chega. Olhão precisa de uma protecção maior, porque é uma terra maior. A sua população, todos o sabem, ronda a casa dos 20.000. Sim, porque já nos fomos esquecendo dos pescadores...

Raul Brandão chamava-lhes «os únicos homens arrojados desta costa» e considerava-os, psicologicamente, «uns homens aparte no Algarve». Os tempos mudaram bastante; mas, se o autor de «Os Pescadores» os pudesse observar novamente, não modificaria a sua opinião, quicá exagerada. O marítimo olhanense continua o usado como nunca e o seu *modus vivendi* é o mesmo de há trinta anos.

De verão, a frota olhanense da pesca da sardinha — cerca de 20 traineiras — percorre atentamente toda a costa, de levante a poente, em busca da preciosa presa. Aqui surge uma questão curiosa e primordial para os interesses da vila: uma boa época de sardinha não chega para debelar a crise de que vimos falando. Naturalmente, que é já alguma coisa e uma felicidade para os marítimos; armadores, operários, industriais, para a própria terra, em suma. Mas o biqueirão vale imensamente mais. Por vários motivos: 1.º) Os barcos podem trazer-lhe em grandes quantidades sem deteriorá-lo, o que não acontece com a sardinha; automaticamente, um porão cheio de biqueirão vale o dobro, ou mais, do que dois ou três com a sua colega sardinha. 2.º) Pode-se pô-lo de reserva para o inverno, e assim assegurar o trabalho à maioria dos operários (foi o que salvou Olhão no último defeso; mais de metade da vila trabalhou durante esses meses graças ao abençoado biqueirão). Porém, nestes últimos anos, por caprichos da fortuna, só de longe em longe aparece na nossa costa, e mesmo assim de inferior qualidade. É preciso ir procurá-lo mais além, nas águas africanas, e, por vezes, junto do Mediterrâneo. (Eis a vantagem de Vila Real de Santo António que, pela sua situação geográfica, é o primeiro porto português para quem vem do Estreito de Gibraltar. Por tal facto, não é ousadia vaticinar-se um futuro próspero à interessante vila pombalina; o presente já é animador). Como a viagem é longa, surgiram inevitáveis contratempos para os barcos de Olhão — por exemplo, a conservação do biqueirão recolhido. Na época transacta, aconteceu que, por falta de sal, desperdiçaram-se valiosas quantidades daquele pescado. Muitas vezes até tiveram de aportar à lota de Vila Real e ali o venderam, porque Olhão distava um bom bocado. Claro, isso representava um grande prejuízo para a economia olhanense. Hoje ainda tal acontece, mas só excep-

cionalmente. As traineiras da vila cubista vão bem abastecidas de sal e os mestres fazem o possível por voltar à sua terra com o biqueirão em condições. Aliás, certas dificuldades burocráticas, que retardavam a venda do pescado na lota de Olhão, deixaram de existir.

«Terra onde nasci, brava, movimenta-tada,
Velha amiga do mar, minha terra [arrojada],
Onde nunca o valor se extingue e [se destrói].
Branca filha de heróis e mãe de [tanto herói],

— cantou João Lúcio. Poucas terras no mundo terão sido cantadas desta maneira, com uns versos espantosos de beleza e ternura. No entanto, Olhão é uma simples vila de pescadores — uma vila pobre, como tantas outras. «Terra embruxada», chamou-lhe Raul Brandão, e talvez não fugisse da verdade. A paisagem olhanense continua na mesma, extraordinária de brancura e de cubos. Nem mesmo o acréscimo importantíssimo de bairros novos — dois económicos, um dos pescadores, um dos pobres — causou qualquer alteração na estética da vila. Claro, o plano de urbanização modificou algumas das suas principais artérias. Meia dúzia de imóveis caros vieram dar-lhe um aspecto quase burguês e civilizado. A doca nova, indubitavelmente, foi um progresso notável e um benefício que se impunha. Mas Olhão continua pobre, pobre. Há falta de dinheiro para tudo: para arruamentos, para cantinas, para infantários, para obras assistenciais, culturais e recreativas. Quase nada se constrói em Olhão, que não possui sequer uma biblioteca pública, e muito menos um museu...

Bastante lamentável é desolador tudo isto!

António Macheira

«MAR DE CRISTO»

Conclusão da 1.ª página

res virgens, oferecendo à Nação originária e à Europa da Renascença — à Europa que despertava da letargia medieval — o tesouro de novos mundos, novos recursos vitais e um campo vastíssimo para a dilatação do cristianismo.

O verso de Mário Beirão é impecável, trabalhado com esmero, em que à harmonia, ao lirismo e ao sentimento, se junta a arte delicada e nobre de saber rimar. *Mar de Cristo* é um poema que não se lê uma vez apenas. Há nele composições tão belas, tão expressivas e tão humanas que têm de ser relidas. A edição, sóbria e cuidada, é da Portugalina.

ACTIVIDADE

do Cine-Clube Olhanense

Esta simpática colectividade da vila cubista vai exhibir, na sua sessão cultural do próximo dia 26, o filme humorístico inglês *A Culpa foi do whisky*, produção do realizador Mackendrick.

A contabilidade

Oferece-lhe

- A CHAVE da sua contabilidade
- A SIMPLIFICAÇÃO dos serviços
- OS BALANÇETES eliminados
- Um controle diário de todo o movimento
- As situações exactas das contas
- Mais rapidez nos lançamentos
- Rendimento de trabalho superior
- Mais capacidade em menor espaço

SIDEX

UM SISTEMA DE CONTABILIDADE EFICIENTE

AV. GENERAL ROÇADAS, 74-CAVE-F. TE

SEM COMPROMISSO PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

Sirvam-se V. Ex.ª colher informações nas firmas do Algarve que já possuem as nossas montagens:

- Centro Comercial de Combustíveis, Lda. — Vila Real de Santo António
- Empresa do Sul de Produtos Químicos, Lda. — Faro
- Ernesto Duarte — Vila Real de Santo António
- José Pedro Ladeira, Lda. — Olhão
- M. Rodrigues Pereira — Olhão
- Pilotos & Capa — Vila Real de Santo António
- Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª — Vila Real de Santo António
- Raul Folque & Filhos, Lda. — Vila Real de Santo António
- Soliva - Sociedade de Litografia e Vazio, Lda. — Vila Real de Santo António
- Soc. Acc. Angelo Parodi Fu B.ª — Vila Real de Santo António
- V.ª Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.ª, Lda. — Vila Real de Santo António

Além destas importantes firmas, contam-se por centenas de instalações as espalhadas por todo o País.

DE FERRAGUDO

- Época balnear — Instalações sanitárias
- Serviços clínicos e farmacêuticos
- Construção de um bairro

FERRAGUDO — Estamos chegados à época do ano em que mais frequentemente somos visitados por turistas nacionais e estrangeiros, pelo que é necessário cuidar com mais zelo do asseio desta privilegiada terra, limpando as ruas de ervas e de imundícies e caçando e reparando as casas, impondo-se também medidas para impedir os despejos no local da lota que fica no centro da povoação (Largo da Feira).

A circunstância de tudo isto ter sido observado pelo sr. Ramiro Cândido Cordeiro Laranjo, presidente da Câmara Municipal do nosso concelho, que nos visitou há dias, dá-nos a esperança de que serão tomadas as medidas que se impõem. E já agora, aproveitamos o ensejo para chamar a atenção da Câmara Municipal para a necessidade da construção de sentinas e mictórios junto à Praia Grande, e entre a Praia da Angrinha e a igreja, pois têm-se registado precalços bastante desagradáveis, um deles por ocasião da procissão do Corpo de Deus.

Necessita esta povoação de uma farmácia e de um médico, pois os recursos tanto de farmácia como de clínico ficam-nos em Lagoa, a dez quilómetros e em Portimão, a três, carecendo-se também da construção de um bairro para gente pobre, visto haver três e quatro casais aboletados na mesma casa. O local preferível para a edificação de um bairro era junto da garagem do sr. dr. Francisco Vieira Machado. — J. S. F.

O EGOÍSMO DA IMORTALIDADE

A PROPÓSITO do artigo em que focávamos o egoísmo da imortalidade, recebemos uma carta de aplauso do sr. Oliveira Brás Machado, o qual nos diz que é seu desejo seja perpetuada num monumento a memória do bom prelado que foi D. Marcelino Franco, iniciativa que tem o aplauso do sr. D. Francisco Rendeiro, prelado da nossa diocese e do sr. cónego Baptista Delgado.

O ensino no Algarve

O sr. dr. Fernando Hermínio Periquito Laborinho foi nomeado, por conveniência urgente de serviço, professor provisório do 6.º grupo, 2.º grau, da Escola Industrial e Comercial de Faro.

O sr. Cristiano Mário Quintas Maria, mestre, contratado, de trabalhos manuais do quadro da Escola Industrial e Comercial de Lagos, foi nomeado mestre efectivo da mesma oficina e Escola.

Foi publicada no Diário do Governo a relação graduada dos candidatos admitidos ao concurso para provimento das vagas de professores adjuntos, 8.º grupo (feminino) da Escola Industrial e Comercial de Faro, e de mestre de carpintaria e marcenaria da Escola Industrial e Comercial de Lagos.

Foi aberto concurso documental, perante a direcção do distrito Escolar de Faro, para provimento dos seguintes lugares vagos em escolas do ensino primário elementar: Sexo masculino: Faro — Sé — sede do concelho (1), idem, idem, idem, (2), Fusetta (Olhão), Olhão, sede do concelho, escola n.º 3; sexo feminino: Portimão, sede do concelho e Santo Estêvão (Silves); mistas: Areal Gordo (Faro) Alcantarilha e Barrocal (Silves).

Os muçulmanos DE SILVES cunharam moeda

EM Sesimbra, foram encontradas, há tempo, duas estações arqueológicas, nas quais apareceram moedas que o seu achador, sr. dr. Eduardo da Cunha Serrão, entregou para estudo ao arabista sr. prof. Joaquim Figanier, do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. A conclusão desse estudo lemo-la agora no nosso prezado colega «O Sesimbrense» e com a devida vénia vamos publicá-las nas nossas colunas, visto que é de interesse manifesto para a história árabe do Algarve.

O sr. Eduardo da Cunha Serrão encontrou, numa lapa do concelho de Sesimbra, um punhado de moedas árabes, de prata, que me deu a examinar.

Entre essas moedas, encontravam-se 10 exemplares que apresentavam elementos novos e deram motivo a um estudo mais demorado. Uma delas é um *quairate* de Ibn Caci, príncipe muçulmano que governou o Algarve, entre os anos de 1144 a 1151. A extensa região meridional da Península Ibérica que, no século XII, era dominada pelos maometanos, obedecia desde o século anterior à dinastia berbere, da família sanhaça, conhecida pelo nome de Almorávidas. Em decadência aberta, pelos meados do século, os almorávidas travaram em Marrocos, com os Almóadas — outra dinastia berbere, da família Masmuda — uma luta decisiva. Aproveitando esse conflito, os governadores andaluzes de algumas cidades e certos homens prestigiosos pelas suas actividades políticas ou religiosas organizaram rebeliões e, apoderando-se de lugares convenientes aos seus intentos, fundaram estados mais ou menos precários, que ficaram conhecidos pelo nome de taifas. Entre estes homens, o primeiro a sublevar-se foi Ibn Caci, um teólogo e pregador famoso que se serviu do seu crédito junto das populações algarvias para fundar um estado com a capital em Mértola. O governo de Ibn Caci pode repartir-se em três períodos; no primeiro, durante o qual residiu naquela vila e nela bateu moeda, vem-lo em luta com os almorávidas (1144-1145); no segundo, após uma viagem a África e onde se entendeu com Abd-el-Múmen, califa almóada, e donde voltou à Península com as primeiras tropas almóadas de invasão, encontramos a governar em Silves, sob a égide dos invaso-

OS ALGARVIOS gostam de cinema

No primeiro trimestre deste ano, os dezoito cinemas do Algarve, que têm a lotação de 11.513 lugares, deram 706 sessões, as quais foram presenciadas por 376 045 pessoas. Deve dizer-se que, depois de Lisboa, Porto e Setúbal, é o Algarve a província que regista maior número de apaixonados pelo cinema, ultrapassando todos os distritos, incluindo os de Coimbra e Braga. Têm menos cinemas que o Algarve os seguintes distritos: Braga, 8; Bragança, 3; Castelo Branco, 5; Coimbra, 10; Évora, 16; Guarda, 9; Leiria, 17; Portalegre, 10; Vila do Castelo, 6; Vila Real, 9 e Viseu, 11.

RAUL FOLQUE & FILHOS, L.ª

Fábrica de Conservas de Peixe

As conservas  são produtos

de ALTA QUALIDADE

Agente em LISBOA

RICARDO CASTANHEIRA, L.ª — Rua Nova de S. Mamede, 10

PROPRIETÁRIOS!!! ATENÇÃO!!!

«A CONFIDENTE» possui anexa à sua grande ORGANIZAÇÃO uma secção especializada em hipotecas sobre PROPRIEDADES, tanto em LISBOA como nos ARREDORES E PROVÍNCIA, ao juro da Lei. Transacções efectuadas desde 10 até 5.000.000\$00. Facilitam-se amortizações semestrais e anuais. Nada cobramos ao cliente, a título de vistoria ou deslocação. Os n/ 24 anos de existência garantem bem a boa regularidade dos n/ negócios.

A CONFIDENTE (A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS)

LISBOA: — ROSSIO, 3-2.º PORTO: — R. PASSOS MANUEL, 14-1.º
Telefs. 21591-30257-367765-367767 Telefs. 28721-27011-31309-31729

SENHORES LAVRADORES...

ABANDONAI A ROTINA E ACOMPANHAÍ OS PROGRESSOS DA MODERNA TÉCNICA

O FOSFATO THOMAS

NÃO É SÓ UM ADUBO FOSFATADO, PORQUE CONTÉM

(por cada 100 quilos):

O SEU EMPREGO ESTÁ INDICADO NAS SEGUINTE CULTURAS:

Arroz, Batata, Cereais praganosos, Forragens, Hortícolas, Milho, Vinha, Oliveiras, Fruteiras, etc.

O FOSFATO THOMAS

É UM EXCELENTE ADUBO QUE FORNECE AOS SOLOS ELEMENTOS RICOS NECESSÁRIOS À VIDA DAS PLANTAS, QUE NÃO SE ENCONTRAM NOUTROS ADUBOS

DEFENDEI A VOSSA ECONOMIA E A FERTILIDADE DAS VOSSAS TERRAS APLICANDO SEMPRE O FOSFATO THOMAS

PEDIR FOLHETOS SOBRE AS FORMAS DE APLICAÇÃO AOS DISTRIBUIDORES GERAIS

SOCIEDADES REUNIDAS REIS, LIMITADA

LISBOA — ROSSIO, 102-1.º
PORTO — RUA FERNANDES TOMÁS, 565
PAMPILHOSA

Agentes, Depositários e Revendedores em todas as localidades

